

ISSN: 1676-7047

*Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n° 1*

Aristóteles

*Física I - II*

Tradução revisada e notas  
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP  
*Fevereiro de 2002*

***CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO N. 1***

IFCH/UNICAMP  
Setor de Publicações

**ISSN: 1676-7047**

**Diretor:** Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

**Diretora Associada:** Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

**Comissão de Publicações:**

Coordenação Geral: Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Coordenação da Revista Idéias: Prof. Dr. Marcelo Ridenti

Coordenação da Coleção Idéias: Prof. Dr. Pedro Paulo Funari

Coordenação das Coleções Seriadadas: Prof. Dr. Lucas Angioni

Representantes dos Departamentos: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Suely Kofes - DA, Prof<sup>ª</sup> Dra.

Eliane Moura da Silva – DH, Prof. Dr. Lucas Angioni - DF e Prof. Dr. Fernando

Antonio Lourenço - DS

Representantes dos funcionários do setor: Marilza A. Silva e Magalí Mendes

Representante discente: Igor José de Renó Machado (pós-graduação)

**Setor de Publicações:**

Marilza A. da Silva e Magalí Mendes.

**Gráfica:**

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Luiz Antonio dos Santos, Marcílio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

**Endereço para correspondência:**

IFCH/UNICAMP - SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 3788.1604 / 1603 - Fax: (019) 3788.1589

[morewa@unicamp.br](mailto:morewa@unicamp.br) - <http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

**SOLICITA-SE PERMUTA  
EXCHANGE DESIRED**

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão  
IFCH/UNICAMP

## SUMÁRIO

Introdução.....	5
Livro I .....	13
Livro II .....	57
Notas.....	103
Glossário.....	109
Bibliografia.....	115

## INTRODUÇÃO

*Lucas Angioni*

É com sinceros agradecimentos que me dirijo aos leitores para prestar contas a respeito desta versão revisada da tradução dos livros I e II da *Física* de Aristóteles<sup>1</sup>. Agradecimentos pela paciência e solidariedade com que acolheram a primeira versão, com todos os defeitos que ela apresentava; agradecimentos pelas observações críticas e sugestões que permitiram aprimorar a presente versão; mas, sobretudo, agradecimentos pela acolhedora recepção à iniciativa de publicar temerariamente resultados provisórios de um trabalho que exige, naturalmente, um longo período de maturação. Foi sem dúvida essa recepção que me permitiu publicar esta segunda versão numa nova coleção, destinada exclusivamente a traduções preliminares de clássicos da filosofia.

Diversas modificações foram introduzidas na presente tradução, a partir de revisões minuciosas que contaram com a colaboração de diversos colegas. Contudo, antes de falar delas, gostaria de ressaltar as modificações efetuadas no *formato* da publicação. Diferentemente da primeira versão, esta consta de partes mais bem definidas: após a introdução e a tradução (editada face a face com o texto original),

---

<sup>1</sup> A tradução aqui apresentada consiste numa revisão da que foi publicada em janeiro de 1999, em *Aristóteles, Física I e II*, coleção **Textos Didáticos**, nº 34, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

Lucas Angioni

sucedem-se notas, glossário e bibliografia. Experiências anteriores com esse tipo de publicação contribuíram para consolidar este formato como o mais adequado.

As modificações introduzidas na tradução foram bastante significativas e podem ser classificadas em dois grupos principais: de um lado, modificações lexicais, de outro, modificações na construção sintática das orações e dos períodos compostos. Algumas modificações foram ditadas por razões eminentemente estilísticas (com o objetivo de evitar arcaísmos e cacofonias, por exemplo); outras, no entanto, foram ditadas por uma interpretação mais atenta e exigente dos argumentos presentes no texto aristotélico. No entanto, para além dessas classificações, devo ressaltar um aspecto que predominou na revisão da tradução: a busca por encontrar em português um fraseado que – pelo seu ritmo, pelo seu vocabulário – fosse capaz de reproduzir, de maneira minimamente eficaz, a *tonalidade* da argumentação aristotélica. Esta última (como já foi dito várias vezes) não procede *more geometrico*. Ela não assume desde o início os princípios mais primitivos; não deduz as conseqüências de modo perfeitamente progressivo; nem sequer explicita todas as premissas necessárias para a decorrência de determinada conclusão; por vezes, nem sequer enuncia explicitamente a conclusão a que se teria chegado, mas apenas se reporta a ela de maneira sugestiva e indireta. Isso quer dizer que a argumentação de Aristóteles – analisada segundo os parâmetros de sua própria silogística, exposta nos *Analíticos* – é tal que *inverte a ordem natural das premissas*; por vezes, inverte mesmo a ordem entre premissas e conseqüências; *subentende premissas* que, de tão óbvias (sob algum ponto de vista...), não careceriam de explicitação; apenas sugere conclusões, sem enunciá-las formalmente; apenas sugere as *pretensões* em favor das quais se seguem argumentos, etc. Assim, o texto de Aristóteles é tal que o leitor, muitas vezes, deve se esforçar por *descobrir a premissa implícita* que Aristóteles, por alguma razão, não se deu ao trabalho de enunciar formalmente; *descobrir a conclusão* a que Aristóteles

julga ter efetivamente chegado (mesmo que não a enuncie formalmente); *descobrir até mesmo a pretensão* em favor da qual Aristóteles quer argumentar.

Esse andamento da argumentação aristotélica, no entanto, é *muito bem pautado por recursos peculiares à língua grega*. O uso de certas partículas permite deixar implícitas diversas premissas, a respeito das quais, porém, pode haver pouca controvérsia. O uso de outras partículas enfatiza de modo muito preciso a função da frase no argumento. O uso de outras, enfim, confere à frase um “espírito” bastante preciso. Modos verbais como o irreal e o optativo permitem exprimir, de maneira sucinta, relações bastante complexas, que, em geral, envolveriam mais de um condicional. “Tempos” verbais como o presente e o futuro do indicativo possuem usos bastante específicos e precisos, sobretudo na formulação de relações de condição e consequência. A plasticidade na composição das orações, enfim, confere tal vivacidade ao texto, que permite que a posição das palavras exprima de modo sugestivo vários tipos de relações (adversativas, enfáticas, etc.).

Esses problemas devem ser diagnosticados e enfrentados de maneira precisa pelo tradutor, antes de qualquer *parti pris* de método e doutrina. Princípios que não aparecem no texto segundo a ordem que lhes seria *natural (physei)*, inversão da ordem natural entre premissas e conclusões, omissão de premissas, omissão de importantes mediações da argumentação, mera sugestão de conclusões, etc., todos esses *atos* diante dos quais se encontra o leitor do texto aristotélico não são defeitos metodológicos do sistema, tampouco incompetência expositiva da parte de Aristóteles, muito menos *escolhas autorais* de um escritor visando a posteridade e/ou um público universal abstrato<sup>2</sup>. Esses fatos são condicionados pelo *estatuto* dos escritos aristotélicos: anotações de aula (ou coisa parecida), usadas

---

<sup>2</sup> No que concerne à mera sugestão alusiva de conclusões, pro exemplo, não há nenhum elemento *autoral* comum entre o texto de Aristóteles e os aforismos de Nietzsche ou de Wittgenstein.

“internamente” junto a um público restrito de ouvintes já familiarizados com as pesquisas e doutrinas de Aristóteles.

Já houve tempo em que esses fatos foram tidos como sinais de obscuridade. Esta última quase sempre foi concebida como um defeito. No entanto, numa outra direção, a dificuldade em atinar com as conclusões a que Aristóteles quer chegar (e mesmo com as pretensões em favor das quais ele quer argumentar) já foi tida como um sinal de que sua doutrina seria deliberadamente “aberta”, meramente sugestiva, “inacabada”, etc. Essa orientação interpretativa, por mais que tenha sido responsável pela superação de um escolasticismo inadequado, corre o risco de gerar uma acomodação no leitor do texto original<sup>3</sup>: se o argumento aristotélico fosse incompleto, meramente “sugestivo”, “alusivo”, sem pretensões claramente anunciadas e sem conclusões solenemente alardeadas, por que motivo o leitor se esforçaria em exaurir no texto original todas as suas possibilidades expressivas? Por que motivo o leitor se esforçaria em desemaranhar a argumentação? Se, através de uma primeira impressão geral, colhida numa leitura rápida, o texto apresenta-se inacabado, é cômodo tentar atribuir um significado filosófico ao *inacabamento*.

No entanto, uma vez observadas todas as peculiaridades da língua grega (acima mencionadas), boa parte dessa sedutora aparência de inacabamento desvanece. Compreendidas as partículas, compreendidos os modos verbais, compreendida a nervura subjacente ao texto, os argumentos de Aristóteles podem ser descobertos e lidos com invejável precisão e acabamento. E foi esta a nossa orientação desde a primeira versão desta tradução: mergulhar no texto original a fim de sentir suas articulações vivas e desemaranhar sua teia argumen-

---

<sup>3</sup> Essa orientação interpretativa reporta-se à primorosa obra de Aubenque, *Le problème de l'être chez Aristote* (1962). No entanto, não podemos dizer, de modo algum, que Aubenque se acomoda na análise do texto aristotélico. A acomodação encontra-se posteriormente em epígonos.

tiva. Essa orientação agora se consolida, reforçada por dois fatores: primeiro, a pesquisa mais detalhada e tenaz de cada argumento dos livros I e II da *Física* – pesquisa efetuada em vista da confecção de comentários, a serem publicados em algum momento vindouro; segundo, a percepção da inteira ineficácia didática de uma tradução pretensamente “fiel e literal”, que se recusasse a trocar as atraentes aparências de neutralidade pelo comprometimento com uma reconstituição argumentativa satisfatória.

Obviamente, portanto, a tradução aqui apresentada depende de nossa interpretação, e julgamos que não poderia ser de outro modo. Contudo, o mais importante é que se trata de uma interpretação em favor da qual seríamos capazes de argumentar de maneira detalhada, desde seus fundamentos mais primitivos até suas últimas conseqüências, invocando o testemunho de diversos outros textos de Aristóteles.

Não seria conveniente relatar de modo detalhado todas as modificações que introduzimos nesta segunda versão da tradução. A importância de algumas delas, no entanto, nos obriga a comentá-las brevemente:

1) *Uso e menção*: diversas expressões (“*to ex anagkes*”, “*to apo thyches*”, “*to hou heneka*”, etc.) aparecem no texto aristotélico nessas duas funções lingüísticas, sem que existam sinalizações solenes a respeito. É ilusão acreditar que, em todo e qualquer contexto, o artigo neutro possa conferir a tais expressões uma dimensão abstrata, na qual elas passassem a designar conceitos, como se estivesse sendo mencionado o conceito a ser definido, etc. Esse valor do artigo neutro aparece apenas em alguns contextos. Em diversos outros, o mesmo artigo neutro transforma a expressão numa *descrição definida* que subentende um sujeito, ao qual é atribuída. Assim, é preciso analisar cada argumento para saber se “*to hou heneka*” (por exemplo) designa a *noção abstrata* de causalidade final ou de *acabamento teleológico*, ou, pelo contrário, uma coisa particular qualquer à qual sucede a propriedade de ser um *acabamento teleológico*. Não nos pareceu adequado man-



Lucas Angioni

ter a mesma tradução para os dois valores da mesma expressão. Pois, no texto grego, a atenção ao contexto é suficiente para atinar com o valor da expressão, mas o mesmo nem sempre ocorre também em português.

2) a expressão “*kata symbebekos*”, antes traduzida por “segundo acidente”, foi traduzida por “segundo concomitância”. Essa modificação foi ditada por pesquisas detalhadas a respeito da análise semântica a que Aristóteles submete a predicação. Justificativa mais promenorizadas para tal modificação encontram-se expostas em Angioni [2000b], p. 22 (introdução) e pp. 130-131, 155-157 (comentários).

Esta tradução continua restrita a horizontes limitados: não mais uma primeira, mas sim uma segunda versão preliminar, destinada a alunos de graduação e pós-graduação e a ser testada em seminários, etc. Por essa razão, não fiz um trabalho absolutamente exaustivo de exame das variantes do texto grego. Com relação à primeira versão, fui um pouco além, pois não me restringi apenas à edição de Ross [1936] e a poucas consultas à edição de Carteron [1986]. No entanto, embora tenha ido mais longe no exame dos problemas no texto estabelecido, não me aprofundi na investigação de todas as variantes, uma por uma. Esse aprofundamento exigiria consulta sistemática aos Comentadores gregos e a uma bibliografia secundária mais especializada. Deixo ainda para uma terceira ocasião tal empreendimento.

Para a supervisão das variantes do texto grego, utilizei-me das seguintes edições:

- BEKKER, E. *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter, 1961.

- CARTERON, Henri. *La Physique*, texte établi et traduit, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1986 (1a. ed. 1931).

- ROSS, D. *Aristotle's Physics*, a revised text with introduction and commentary, Oxford: Clarendon Press, 1936.

- WICKSTEED, P. M. & CORNFORD, F. M. *Physics*, London: Loeb Classical Library, 1957.

Para aprimorar os resultados provisórios que fui propondo, comparei-os com as seguintes traduções:

- CARTERON, Henri. *La Physique*, texte établi et traduit, 2 vols., Paris: Les Belles Lettres, 1986 (1a. ed. 1931).

- CHARLTON, William. *Aristotle's Physics - Books I and II*, Oxford: Clarendon Press, 2a. ed. 1992.

- PELLEGRIN, Pierre. [1993]. *Physique I & II*, Paris: GF Flammarion.

- RUSSO, Antonio. *Fisica, in Aristotele - Opere*, vol. 3, Roma-Bari: Editori Laterza, 1993.

- WATERFIELD, Robin. *Aristotle's Physics*, Oxford: Oxford University Press, 1996.

- WICKSTEED, P. M. & CORNFORD, F. M. *Physics*, London: Loeb Classical Library, 1957.

Devo agradecer aos diversos leitores que colaboraram com observações críticas e sugestões para o aprimoramento desta segunda versão: Alberto Alonso Muñoz, Luis Márcio Nogueira Fontes, Fátima Évora, Marcos Lutz Müller, Marco Zingano, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, Francisco Benjamin de Souza Neto, João Quartim de Moraes, Cláudio Veloso e Roberto Bolzani. Resalto que a utilização da primeira versão em aulas e seminários verificou-se um excelente laboratório para averiguar a viabilidade de algumas propostas, atestar a inaceitabilidade de outras e, enfim, ensaiar novas tentativas. Por isso, devo agradecer a todos os alunos que pacientemente suportaram minha experimentação provisória. Finalmente, agradeço ao CNPq por conceder-me uma bolsa de Produtividade em Pesquisa para um projeto sobre a noção de natureza nos livros I e II da *Física*, no qual se inclui a revisão desta tradução.